

Economista não acredita em novo choque

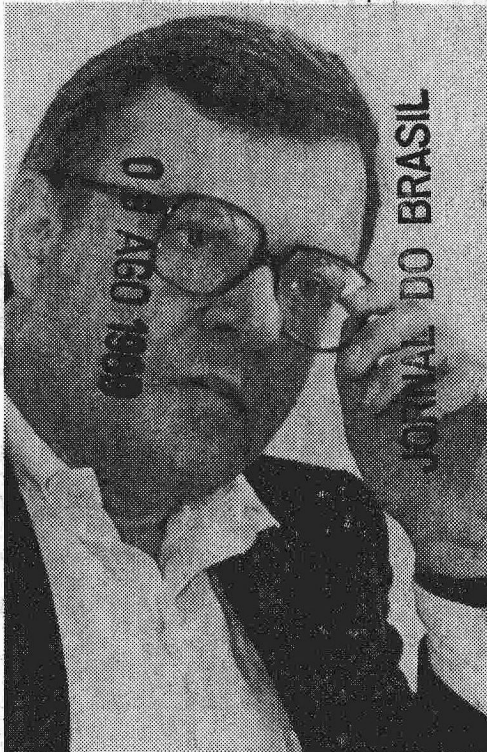
Arquivo — 3/8/86

O economista Albert Fishlow, da Universidade Berkeley, da Califórnia, acredita que dificilmente o governo Sarney conseguirá ter sucesso em um novo plano econômico. "O sucesso dependerá muito da reação do público. Depois de três planos seguidos com poucos resultados, dificilmente o povo acreditaria em mais um", explicou o economista, que também participou ontem do Seminário Internacional na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro.

Na sua opinião, apenas um novo governo, com uma nova equipe econômica, seria capaz de tentar medidas realmente antiinflacionárias. Fishlow não é favorável à moratória externa, mas admitiu que até setembro deste ano — quando o Brasil terá que pagar uma grande parcela pelo serviço da dívida externa — poderão restar poucas saídas. "Tudo dependerá da situação das reservas cambiais", explicou.

Fishlow não acredita na eficácia de um ajuste interno sem que haja um acordo em relação às contas externas. "É preciso que esses assuntos sejam tratados de forma integrada", afirmou.

A economista Eliana Cardoso, também da Universidade Berkeley, alertou para o risco de hiperinflação. "Se o governo não fizer nada agora, o perigo é real", afirmou. "A economia está toda indexada, o mercado financeiro pensa num prazo máximo de um dia e há instabilidade em relação à questão externa", lembrou Eliana.



Dornbusch: há tempo para corrigir economia antes da eleição

Americano propõe plano econômico

"O Brasil ainda não chegou à hiperinflação e pode aproveitar o momento, antes das eleições, para tentar algum plano de estabilização." A opinião é do economista Rudiger Dornbusch, do Instituto de Tecnologia de Massachussets (MIT), um dos maiores especialistas em hiperinflação. Ele foi um dos principais conferencistas de ontem do Seminário Internacional sobre a Reconstrução Econômica da América Latina.

Admitindo estar otimista em relação à situação político-econômica brasileira, Dornbusch acredita que o governo Sarney ainda tem condições para fazer um ajuste fiscal sério e procurar uma saída para o problema da dívida externa. "Não será através de um processo gradual que esta inflação irá diminuir", frisou. Na sua opinião, o governo poderia apertar a arrecadação sobre a classe de renda muito alta e ainda fiscalizar com mais atenção as empresas.

Sobre a questão da dívida externa sugeriu uma saída pouco convencional. "Endurecer um pouco dá certo, como fizeram os negociadores da dívida mexicana. Foram embora de Nova Iorque sem dar nenhuma satisfação. Mas é preciso também fechar um acordo sério com os credores", disse.